

TARKOVSKI ESCULPIR O TEMPO



*Martins Fontes*

# T A R K O V S K I

"Amo muito o cinema. Eu mesmo ainda não sei muita coisa: se, por exemplo, meu trabalho corresponderá exatamente à concepção que tenho, ao sistema de hipóteses com que me defronto atualmente. Além do mais, as tentações são muitas: a tentação dos lugares-comuns, das idéias artísticas dos outros. Em geral, na verdade, é tão fácil rodar uma cena de modo requintado, de efeito, para arrancar aplausos...

Mas basta voltar-se nessa direção e você está perdido. Por meio do cinema, é necessário situar os problemas mais complexos do mundo moderno no nível dos grandes problemas que, ao longo dos séculos, foram objetos da literatura, da música e da pintura. É preciso buscar, buscar sempre de novo, o caminho, o veio ao longo do qual deve mover-se a arte do cinema."

**Andrei Tarkovski**

# ESCULPIR O TEMPO

*Tarkovski*

**Martins Fontes**

São Paulo 1998

# ESCULPIR O TEMPO

*Título original: DIE VERSIEGELTE ZEIT.*  
*Copyright © Verlag Ullstein GmbH.*  
*Copyright © Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,*  
*São Paulo, 1990. para a presente edição.*

**2ª edição**  
*junho de 1998*

**Traduzido do inglês**  
*Jefferson Luiz Camargo*  
**Tradução dos poemas**  
*Luís Carlos Borges*  
**Revisão da tradução**  
*Luís Carlos Borges*  
**Revisão gráfica**  
*Pier Luigi Cabra*  
*Maria Corina Rocha*  
**Produção gráfica**  
*Geraldo Alves*  
**Composição**  
*Oswaldo Voivodic*  
*Ademilde L. da Silva*  
*Antônio José da Cruz Pereira*  
*Marcos de Oliveira Martins*  
**Arte-final**  
*Moacir Katsumi Malsusuki*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Tarkovskiaei. Andreaei Arsensevich. 1932-1986.  
Esculpir o tempo/Tarkovski; [tradução Jefferson Luiz  
Camargo]. - 2. ed. - São Paulo : Martins Fontes. 1998.

Título original: Die Versiegelte Zeh.  
TSBN 85-336-0882-9

1. Filmes cinematográficos 2. Filmografia 3.  
Tarkovskiaei. Andreaei Arsensevich. 1932-1986 1. Título.

98-2456 \_\_\_\_\_ CDD-791.43

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Filmes cinematográficos 791.43

*Todos os direitos para o Brasil reservados à*  
**Livraria Martins Fontes Editora Ltda.**  
*Rua Conselheiro Ramalho, 330/340*  
*01325-000 São Paulo SP Brasil*  
*Tel. (011) 239-3677 Fax (011)3105-6867*  
*e-mail: [info@martinsfontes.com](mailto:info@martinsfontes.com)*  
*<http://www.martinsfontes.com>*

Introdução	<b>1 Índice</b>
I. O início	11
II. Arte — Anseio pelo ideal	38
III. O tempo impresso	64
IV. Vocação e destino do cinema	95
V. A imagem cinematográfica	122
Tempo, ritmo e montagem	134
Roteiro e decupagem técnica	148
A realização gráfica do filme	161
O ator de cinema	167
Música e sons	187
VI. O autor em busca de um público	197
VII. A responsabilidade do artista	211
VIII. Depois de <i>Nostalgia</i>	242
IX. <i>O Sacrifício</i>	260
Conclusão	276
Notas	291
Filmografia	293

Há cerca de quinze anos, ao fazer anotações para o primeiro esboço deste livro, comecei a me perguntar se valia a pena escrevê-lo. Não seria melhor continuar a fazer um filme atrás do outro, encontrando soluções práticas para os problemas teóricos que surgem sempre que se faz um filme?

Por muitos anos, no entanto, minha biografia artística não foi das mais felizes; os intervalos entre os filmes eram suficientemente longos e dolorosos para me darem todo o tempo livre de que necessitava para refletir — à falta de coisa melhor para fazer — sobre quais seriam, exatamente, os meus objetivos, quais fatores diferenciavam a arte do cinema de todas as outras artes, qual seria, para mim, a sua potencialidade específica, e de que maneira a minha experiência poderia ser confrontada com a experiência e as realizações de meus colegas. Lendo e relendo livros de teoria do cinema, cheguei à conclusão de que os mesmos não me satisfaziam, e surgiu-me o desejo de refletir e de expor as minhas concepções pessoais acerca dos problemas e objetivos da criação cinematográfica. Percebi que, em geral, o reconhecimento dos princípios de minha profissão dava-se em mim através do questionamento das teorias estabelecidas e do desejo de expressar a minha própria compreensão dos princípios fundamentais da arte que se tornou uma parte de minha pessoa.

Meus frequentes encontros com os mais diferentes tipos de público também me fizeram sentir a necessidade de exprimir as minhas idéias sobre esses temas da maneira mais completa possível. Eles desejavam seriamente saber como e por que o cinema, e a minha obra em particular, os afetavam daquela maneira, queriam respostas para inumeráveis interrogações, que lhes permitissem algum tipo de denominador comum a que pudessem reduzir as suas idéias caóticas e heterogêneas sobre o cinema e sobre a arte em geral.

Devo confessar que lia com a máxima atenção e grande interesse — em alguns momentos com tristeza, mas, em outros com extraordinário entusiasmo — as cartas de pessoas que haviam visto os meus filmes; nos anos em que trabalhei na União Soviética, essas cartas vieram a constituir uma co-

leção impressionante e variada de coisas que as pessoas desejavam saber, ou que se sentiam incapazes de compreender.

Gostaria de citar aqui algumas das cartas mais características, para ilustrar o tipo de contato — às vezes de absoluta incompreensão — que eu mantinha com o meu público.

- Uma engenheira civil de Leningrado escreveu: "Vi seu filme, *O Espelho*. Assisti até o fim, apesar da grande dor de cabeça que me foi provocada na primeira meia hora pelas tentativas de analisá-lo, ou de ao menos compreender alguma coisa do que nele se passava, alguma relação entre os personagens, os acontecimentos e as recordações. ... Nós, pobres espectadores, vemos filmes que são bons, maus, muito maus, banais ou extremamente originais. Porém, no caso de qualquer um desses filmes, podemos sempre entender, ficar entusiasmados ou entediados, conforme o caso, mas ... o que dizer do seu filme?! ... ." Um engenheiro de equipamentos de Kalinin também ficou terrivelmente indignado: "Faz meia hora que saí do cinema, onde assisti ao seu filme, *O Espelho*. Pois muito bem, camarada diretor!! Também o viu? A impressão que tenho é a de que há algo de doentio nesse filme ... Desejo-lhe todo o sucesso em sua carreira, mas asseguro-lhe que não precisamos de filmes assim." Outro engenheiro, desta vez de Sverdlovsk, foi incapaz de conter a sua profunda antipatia: "Que vulgaridade, que porcaria! Bah, que revoltante! De qualquer forma, creio que seu filme não irá mesmo fazer muito sucesso. Com toda a certeza, não conseguiu atingir o público, e, afinal, é isso o que importa... ." Esse homem chega até mesmo a pensar que os responsáveis pela indústria cinematográfica devem ser chamados a justificar-se. "E de admirar que as pessoas responsáveis pela distribuição dos filmes aqui na União Soviética deixem passar tais disparates." Para fazer justiça à administração dos cinemas, tenho de dizer que "tais disparates" só muito raramente eram permitidos — em média, uma vez a cada cinco anos. Quanto a mim, ao receber cartas como essa, costumava desesperar-me: afinal, para quem eu estava trabalhando, e por quê?



O que me reconfortava um pouco era um outro tipo de espectador, com suas cartas cheias de incompreensão, mas em que ao menos se percebia o desejo verdadeiro de compreender a minha maneira de ver as coisas. Por exemplo. "Certamente não sou o primeiro, nem serei o último, a escrever-lhe completamente desnordeado, pedindo ajuda para entender *O Espelho*. Em si, os episódios são muito bons, mas como ligá-los entre si?" De Leningrado, outra mulher escreveu: "O filme é tão diferente de tudo o que já vi, que não estou preparada para entendê-lo, tanto no que diz respeito à forma quanto ao conteúdo. Você poderia explicá-lo? Não que se possa dizer que eu nada entenda de cinema em termos gerais... Vi os seus filmes anteriores, *A Infância de Ivan* e *Andrei Rublev*, e os entendi bem. Mas, quanto a *O Espelho*... Antes da projeção do filme, seria necessário preparar os espectadores através de algum tipo de introdução. Depois de vê-lo, ficamos irritados com a nossa impotência e a nossa obtusidade. Com todo respeito, Andrei, se não lhe for possível responder detalhadamente a minha carta, diga-me ao menos onde posso ler alguma coisa sobre o filme."

Infelizmente, não havia quaisquer leituras que eu pudesse recomendar a esses correspondentes; não existiam publicações de nenhum tipo sobre *O Espelho*, a menos que se considere como tal a condenação pública do meu filme como inadmissivelmente "elitista", feita pelos meus colegas numa reunião do Instituto de Cinematografia do Estado e do Sindicato dos Cineastas, e publicada na revista *Arte do Cinema*.

O que me impediu de desistir de tudo, porém, foi a convicção, cada vez maior, de que havia pessoas interessadas no meu trabalho, e que na verdade esperavam ansiosamente pelos meus filmes. O único problema, aparentemente, era que ninguém estava interessado em promover esse contato com o meu público.

Um dos membros do Instituto de Física da Academia de Ciências enviou-me uma nota publicada no jornal mural do Instituto: "O aparecimento do filme de Tarkovski, *O Espe-*

*Iho*, despertou grande interesse no IFAC, como, de resto, em toda a Moscou.

"Não foi possível a todos que assim o desejavam encontrar-se com o diretor, do que, infelizmente, também se viu impossibilitado o autor desta nota. Nenhum de nós pode entender como Tarkovski conseguiu, através dos recursos oferecidos pelo cinema, criar uma obra de tal profundidade filosófica. Habitado ao fato de que cinema é sempre história, ação, personagens, e o costureiro *happy end*, o público também tenta encontrar esses componentes no filme de Tarkovski, e, não os encontrando, sente-se frequentemente desapontado.

"De que fala esse filme? De um homem. Não daquele homem em particular, cuja voz ressoa por trás da tela, representado por Innokenti Smoktunovsky<sup>1</sup>. É um filme sobre você, o seu pai, o seu avô, sobre alguém que viverá depois de você, e que, ainda assim, será 'você'. Sobre um homem que vive na terra, que é parte da terra, a qual, por sua vez, é parte dele, sobre o fato de que um homem responde com a vida tanto ao passado quanto ao futuro. Deve-se ver esse filme com simplicidade e ouvir a música de Bach e os poemas de Arseni Tarkovski<sup>2</sup>; vê-lo da mesma maneira como se olha para as estrelas ou para o mar, ou, ainda, como se admira uma paisagem. Não há, aqui, nenhuma lógica matemática, pois esta não é capaz de explicar o que é o homem ou em que consiste o sentido de sua vida."

Devo admitir que mesmo quando críticos profissionais elogiavam o meu trabalho eu ficava muitas vezes insatisfeito com as suas idéias e os seus comentários — pelo menos, era bastante comum que eu sentisse que esses críticos eram indiferentes ao meu trabalho, ou então que não tinham competência para julgá-lo: recorriam excessivamente a clichês jornalísticos nas suas formulações, em vez de falarem sobre o efeito íntimo e direto que o filme exercia sobre o público. Mas então eu encontrava pessoas que se haviam deixado impressionar pelo meu filme, ou recebia cartas que me pareciam uma espécie de confissão sobre as suas vidas, e

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

